

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E INFORMAÇÃO
(CCTII)**

17.05.2023

* * *

- Abre a reunião o Sr. Mauro Bragato.

* * *

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Srs. Deputados, havendo número regimental, declaro aberta a 1ª Reunião Ordinária da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação e Informação da 1ª Sessão Legislativa da 20ª Legislatura.

Registro, com prazer, a presença do deputado presidente Mauro Bragato e o vice-presidente, o Leonardo. Quero registrar presença da deputada Beth Sahão, do deputado Sebastião Santos, do deputado Milton Leite, o Rogério Santos e a Professora Bebel, que fala que estava fazendo ginástica aqui, então eu estava conversando com ela.

Essa reunião foi agendada com a finalidade de recepcionar o Sr. Secretário Vahan Agopyan, secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo, convidado para explanar sobre a prestação de contas do andamento de sua gestão, bem como sobre a demonstração e avaliação do desenvolvimento de ações, programas e metas afetos àquela secretaria de Estado, nos termos do Art. 52-A da Constituição do Estado de São Paulo.

Queria então passar a palavra ao Sr. Secretário para discorrer sobre a sua gestão, nos termos do § 4º do Art. 52-A da Constituição do Estado de São Paulo. Secretário, o senhor é bem-vindo e está com a palavra.

O SR. VAHAN AGOPYAN - Por quanto tempo eu posso falar? É perigoso deixar o tempo livre.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Aí nós temos um botãozinho.

O SR. VAHAN AGOPYAN - O professor é aquela pessoa que fala por três minutos ou por três horas o mesmo assunto. Bem, bom dia, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, presidente da comissão, deputado Mauro Bragato, senhoras e senhores.

Antes de mais nada, eu queria agradecer essa oportunidade de conversar um pouquinho sobre o que eu estou pensando a respeito das atividades da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. Até preparei uma apresentação, decidi não a utilizar porque ficaria muito formal, e justamente eu estou aqui para também ouvir as sugestões, críticas e considerações das senhoras e dos senhores.

Antes de mais nada, acho que eu preciso explicar a secretaria. A Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação formalmente é uma secretaria nova, porque foi desmembrada da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, uma secretaria muito grande. E, nesse desmembramento, a secretaria ficou com a responsabilidade justamente dos temas da pasta. Mas é uma secretaria diferente das coirmãs, porque ela não é uma secretaria de atividades executivas; ela é uma secretaria de coordenação dessas atividades.

Estão abaixo da secretaria, por exemplo, quatro entidades que têm autonomia não apenas acadêmica, mas financeira e administrativa: a Fapesp, que é o braço financeiro que nós temos, a agência de fomento à pesquisa do nosso estado; as três universidades estaduais, que conseguiram essa autonomia há 32 anos e que demonstrou ser um sucesso muito grande. As três universidades hoje se destacam não somente nacionalmente, como internacionalmente.

Aí temos outras quatro entidades que são também autônomas academicamente. As duas faculdades isoladas de medicina, de Marília e de Rio Preto; a Univesp, Universidade Virtual, uma grande potência, que talvez a comunidade não dê a devida importância; e o Centro Paula Sousa, que é certamente uma das maiores instituições de ensino para formação de técnicos e tecnólogos do mundo.

Além disso, temos dois institutos. Um deles é o Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT -, que é uma empresa, portanto tem uma autonomia peculiar das empresas. Está certo que a secretaria participa do conselho de administração, participa do conselho fiscal, mas é uma empresa. E temos o Ipem, que é uma autarquia estadual, no entanto é administrada e mantida pelo governo federal.

Então percebem que o que a secretaria tem sob responsabilidade são instituições autônomas, então cabe à secretaria buscar a integração dessas entidades, a sinergia dessas atividades. É uma secretaria que também não tem atividades-meio. As atividades administrativas, financeiras, recursos humanos, comunicação, assessoria de imprensa,

tudo é da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, que nós utilizamos dela. Então é uma secretaria enxuta. Hoje tem 20 pessoas, incluindo eu e o secretário executivo, trabalhando bastante nesse setor.

Talvez vocês falem: “O secretário não faz nada?”. Não, ao contrário, é muito mais difícil. É uma secretaria que tem a obrigação de conseguir conciliar interesses, então cada ação que a secretaria quer desenvolver certamente eu tenho que convencer alguns conselhos. Muitas vezes tem que ser uma conversa com o conselheiro para conseguir ter esse apoio. Então é uma secretaria de articulação, uma secretaria de muita articulação e conversas contínuas.

Qual foi a visão do nosso governador sobre esse tema? O nosso governador inclusive tem pós-graduação, então ele tem bem clara a visão do que seja ciência, tecnologia e inovação, então ele tem bem claro que o desenvolvimento do Estado eficiente, eficaz e consolidado só se consegue através da ciência, tecnologia e inovação.

Isso está muito claro para ele, e por isso que ele fez questão de separar, criar uma secretaria exclusiva, para que esses temas sejam discutidos, levados avante, tentando criar novas atribuições nessa linha. E o grande desafio da atual gestão é buscar a sinergia, é tentar conseguir a sinergia.

Mas nós temos um desafio maior, não somente o estado de São Paulo, como o País, o Brasil todo. Nós somos bons na produção de conhecimento. Particularmente as três universidades estaduais paulistas, não só são boas em quantidade, como em qualidade. A produção científica das três universidades estaduais paulistas tem uma qualidade acima da média internacional. Isso é um ponto importante.

No entanto, nós não estamos sabendo traduzir esse grande volume de conhecimento de boa qualidade em benefícios para a sociedade. Não estamos conseguindo aplicar esse conhecimento em ações diretas - em inovação, que é o termo que se usa. A pandemia foi um divisor de águas. As três universidades estaduais, da crise da pandemia, deram respostas rápidas e eficientes em um curto espaço de tempo.

Não podemos perder essa oportunidade. Mas continuamos pegando estatísticas de 2022 ainda muito atrás de outros países que desenvolvem às vezes menos conhecimento que nós, mas acabam conseguindo ter esses resultados aplicados na prática mais rapidamente.

Então esse é nosso grande desafio como sociedade paulista e brasileira: de conseguirmos vencer esse “gap”. O pessoal fala “vale da morte”, eu não gosto dessas

figuras de linguagem, porque não é um vale da morte. É falta nossa de conseguir superar esses desafios. É um desafio que nós temos que ter.

Bem, o que nós podemos fazer - e isso não é uma experiência somente minha, mas um fato real - para poder acelerar o conhecimento para a prática é desenvolvermos o conhecimento já preocupados com a sua aplicação. Esse é um fato muito importante. Vou citar até um exemplo pessoal meu. Algumas pessoas que estão nessa sala já ouviram eu falar isso, mas vale a pena explicar.

Minha tese de doutorado, eu concluí em 1982 - maioria dos que estão aqui nem tinham nascido. E somente virou um produto real dez anos depois, por uma mera casualidade. Eu estava em Recife, em uma reunião com empresários, eu trabalho com materiais de construção, discutindo novos materiais de construção, e aí eu citei que tinha feito uma tese sobre gesso reforçado, e o empresário falou: “Poxa, mas eu faço painéis de gesso e eu preciso de reforços”.

Mais uma coisa casual: o Itep - Instituto de Pesquisas Tecnológicas de Pernambuco - tinha, naquele momento, no começo da década de 1990, um grupo de pesquisa muito bom em trabalhar com gesso. Eles pegaram minha tese e, em um ano, conseguiram transformar a tese em uma aplicação naquela fábrica daquele empresário interessado.

Demorou dez anos. Hoje, o grupo de pesquisa a que eu pertencço - aliás, estou bem afastado nos últimos anos - desenvolve os novos materiais junto com possíveis usuários do produto, não restritos ao estado de São Paulo. Um dos parceiros é uma empresa de Santa Catarina. Quando nós depositamos a patente, 15 dias depois o produto já está na casa de materiais de construção.

Então isso que estou relatando é um fato conhecido. Independentemente das ideias, se nós estivermos, ao começar uma pesquisa, junto com empresas, ONGs, a sociedade organizada, inclusive governo, se estivermos juntos, o resultado da pesquisa será sem dúvida traduzido para a sociedade de uma maneira muito rápida.

Quero só fazer um parêntese que eu tenho uma visão um pouco diferente dos meus colegas, porque eu acho que, além disso, o setor de ciência e tecnologia tem também a obrigação de dar um passo a mais, Sr. Presidente. O nosso conhecimento desenvolvido está em relatórios, patentes, artigos. Eu acho que nós temos que dar um passo a mais e fazer propostas de políticas públicas. Isso não é trivial, minhas senhoras e meus senhores.

Não é trivial pegar um relatório de 500 páginas e traduzir em uma minuta de proposta de lei ou uma proposta de decreto. Isso não é trivial, mas eu acho que é imprescindível. É aproveitarmos o conhecimento que nós fizemos e oferecer aos

parlamentares uma proposta de legislação. Isso vale em todas as áreas, principalmente nas áreas de Ciências Sociais. Nosso resultado, nosso ensaio pode ser uma proposta de uma legislação mais moderna que possa melhorar a qualidade de vida da população.

Essa é a visão que temos. O desafio é sinergia em todos esses agentes e acelerarmos essa ligação entre resultado de pesquisa e produto para a sociedade. Esse acho que é o nosso desafio, essa é a nossa vida. Então essa secretaria é uma secretaria de articulação. Não estou brincando, mas o Orçamento da secretaria é um milésimo da somatória dos Orçamentos das entidades que estão ligadas à secretaria.

E eu não reclamo. O secretário Samuel nunca me viu lá pedindo dinheiro. O que eu defendo são recursos para as entidades e eu prometo às senhoras e aos senhores que eu vou voltar muitas vezes aqui pedindo, justificando que as universidades, os institutos de pesquisa, a Fapesp sempre têm que ter o Orçamento defendido.

Então, a secretaria é uma secretaria de articulação. E o que a secretaria tem de visão a médio prazo nos próximos três anos e meio? Primeiro, mostrar essa ação de estimular as parcerias, de estimular o trabalho conjunto, incentivar as instituições a terem colaboração entre elas. E para isso, o governo pode ser um diferencial. O governo pode ser o demandante importante para isso. O governo, como usuário do conhecimento, pode incentivar.

Teve experiências, no passado recente, interessantes, mas as outras secretarias, as outras entidades governamentais não entenderam como utilizar os institutos de pesquisa, os ICTs em geral, as universidades. Nossa tarefa não é somente estimular a Fapesp a patrocinar, apoiar esse tipo de iniciativa, mas principalmente convencer as secretarias, os órgãos públicos, da importância de se ter o conhecimento para o seu desenvolvimento. Eu acho que esse é o grande divisor de águas.

É lógico que a Fapesp está convencida de que é muito importante os órgãos governamentais - aí não só restrito ao estado de São Paulo, mas também prefeituras, municipalidades ou entidades paragovernamentais que nós temos também - utilizar a pesquisa para seu benefício. Este é o ponto importante: demandar pesquisa. Esse é o trabalho que já estou começando a fazer e começando a convencer a Fapesp. São 12 conselheiros, nenhum deles nomeados pelo atual governo, mas obviamente são pessoas extremamente sensíveis para atender o interesse da população.

E convencer os meus colegas. Convencer os meus colegas secretários, eventualmente prefeito ou grupos de prefeitos, de que, se tem uma demanda que pode ser

feita por pesquisa - demanda básica, depois eu vou falar, isso a gente faz. Mas estou falando de uma demanda específica, alguma coisa importante para dar o avanço.

Assim, os ICTs sediados em São Paulo, não somente os ligados ao governo do estado - nós temos três excelentes universidades federais aqui, temos vários outros órgãos federais aqui, excelentes laboratórios federais aqui instalados, temos vários órgãos municipais aqui instalados -, nós vamos poder aproveitar tudo isso. Essa ação é a mais importante.

Se o governo der o exemplo, acho que a sociedade vai continuar e vai seguir. Mas nós mesmos, o governo, temos que dar exemplo usando a infraestrutura que nós temos disponíveis. Essa é a ação inicial mais importante.

A segunda ação que eu acho também muito importante, além de estimular a cooperação entre as instituições, é conseguir acelerar esse tempo para chegar na inovação. Nós temos muita coisa já desenvolvida, então como conseguimos aproveitar isso? Conseguindo dar apoio, incentivo, uma ação governamental para que isso ocorra.

As universidades têm o seu “timing”; no mundo todo é assim. Então, para pesquisas de longo prazo, elas são excelentes, e as nossas universidades, as três estaduais paulistas, as três federais, são excelentes em padrões internacionais. Nossos institutos de pesquisa talvez possam ser incentivados mais para fazer essa ligação, e a gente tem que incentivar e criar facilidades disponíveis no estado para que a grande massa possa utilizar.

O que eu quero dizer é o seguinte: laboratórios de pesquisa, nós temos excelentes. Estamos incentivando, se tudo correr bem, no mês que vem a Fapesp vai divulgar um grande apoio à infraestrutura, quase meio bilhão de reais, uma coisa fantástica.

Mas nós precisamos apoiar a infraestrutura, laboratórios de pesquisa, normalmente multidisciplinares, e abertos a todos os pesquisadores que queiram utilizar. Mas falta laboratórios de apoio ao desenvolvimento de atividades rotineiras: laboratório de prototipagem, laboratório de ensaios clínicos, laboratório de ensaios químicos, laboratórios de ensaios biotecnológicos.

O IPT já está desenvolvendo - e se tudo correr bem até o ano que vem vai estar pronto - um laboratório para quem quer desenvolver hidrogênio verde. Um laboratório que eles chamam de “open lab” - tudo bem, é laboratório aberto. Mas isso é que o governo pode fazer: incentivar, apoiar.

Existem ideias dessas unidades mistas trabalhando juntas: às vezes um laboratório que é de uma universidade, junto com um instituto de pesquisa, junto com um laboratório

mais científico. Em suma, fazendo com que a inovação ocorra muito mais rapidamente. Não precisa esperar dez anos para acontecer alguma coisa. Esse é outro ponto.

Ao terceiro ponto, talvez eu tenha que me dedicar um pouquinho mais, doutor. Desculpe-me, eu posso falar por mais uns cinco minutos, dez minutos?

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Lógico, (Inaudível.).

O SR. VAHAN AGOPYAN - Obrigado. O terceiro ponto é que, na Ciência, Tecnologia e Inovação, sempre o aspecto de qualidade é fundamental. E nesse aspecto de qualidade, a internacionalização é uma ferramenta essencial. No entanto, eu acho que, para o estado de São Paulo, quando a gente fala de internacionalização, não é apenas a mobilidade de docentes e alunos. A mobilidade aqui no estado de São Paulo, graças não só à Fapesp, mas também a toda uma tradição que nós temos, é muito boa.

Não é isso. O que nós estamos visando é trazer instituições internacionalmente muito bem reputadas para o nosso estado. O Pasteur foi o primeiro. Aliás, já estava de uma certa forma, já tinha uma plataforma aqui em São Paulo; agora é o Instituto Pasteur. Ele já foi formalizado em fins de março lá em Paris, o nosso governador participou. Isso na área de infectologia, na área de doenças tropicais, vai ser muito importante.

Vem a CNRS - também da França -, no fim deste ano, começar a se implantar aqui. Será mais na área de ciências duras e humanidades. E agora, mais recentemente, semana passada tivemos a aprovação do Ministério de Ciência e Tecnologia, vamos trazer o Centro de Bioengenharia e Engenharia Genética, que é da ONU, das Nações Unidas, fica em Trieste e eles vão abrir um braço de pesquisa aqui também no nosso estado. Isso na área de oncologia.

Então, quando você traz um instituto desses... Vamos citar o Pasteur, que já existe. Quando você traz o Pasteur aqui, a nossa comunidade está trabalhando em um ambiente internacional. Não são apenas a meia dúzia de pesquisadores franceses que estão aqui, é muito mais do que isso. Eles estão em contato com o mundo todo. Isso é bom para nós.

Eu digo que é um investimento muito bom para nós. E é bom para os próprios institutos do exterior. O Pasteur está aqui porque conseguiu agora estar dentro do Brasil, que é um continente. Ele tem um instituto na Guiana Francesa, um outro em Montevideú, e agora tem um no Brasil, onde nós provavelmente vamos ter muitos problemas no futuro próximo, porque temos uma enorme floresta, que deve ter um número imensurável de possíveis microrganismos que nós desconhecemos.

Mesma coisa a CNRS. Para eles, é muito bom estar no Brasil. Mesma coisa esse organismo da ONU, porque ele está em Trieste - a sede é na Itália, em Trieste -, mas agora está abrindo filiais, porque a oncologia é muito complexa para se ter uma única visão. Precisa ter uma visão geral. Nossos colegas de oncologia aqui do estado de São Paulo são renomados internacionalmente, com visões específicas, e isso vem somar. Então esse é o terceiro mecanismo importante para nós.

E o quarto - não menos importante, mas também fundamental -, é a questão dos ambientes de inovação. O estado de São Paulo tem um número muito grande de parques tecnológicos que estão dentro do sistema paulista, 13, tem 18 incubadoras, mas precisamos não apenas aumentar em número, mas aumentar em facilidades disponíveis dentro desses ambientes.

Nós apoiamos, como governo, esses setores. Todo ano metade do Orçamento da secretaria vai para apoio, mas são apoios pontuais. Estamos achando que tem que ter alguma coisa mais consolidada, mais eficiente, para que esses ambientes não sejam somente para a empresa que entrar dentro do parque tecnológico ou então para a startup que está dentro da incubadora. Mas para que seja um lugar propício para que alguém que tenha uma ideia possa ter algum lugar para repercutir e para discutir.

Então essa última ação acho que é fundamental para São Paulo conseguir reduzir o “gap” entre desenvolvimento e conhecimento e a utilização desse conhecimento. Peço desculpas, acabei falando por mais de meia hora, mas fiz questão de não apresentar isso através de slides, para ouvir das senhoras e dos senhores críticas, sugestões, opiniões, observações. Obrigado, Sr. Presidente.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Pela ordem, Sr. Presidente.

A SRA. PROFESSORA BEBEL - PT - Pela ordem, presidente.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Deputada Beth com a palavra.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Primeiramente, cumprimentá-lo.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Você vai querer usar a palavra?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Vou.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Então deixa eu dizer duas coisinhas aqui.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Pois não, o senhor que é (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Sr. Secretário, em nome da comissão, quero agradecer a sua presença aqui e a sua fala. E dizer que nós estamos aqui com sete deputados e dois justificaram ausência: deputado Bruno Zambelli e a deputada Marina Helou.

E agora vamos passar para a fase de questionamento, de perguntas, e o senhor está livre para responder, porque está dentro daquilo que é a tarefa do secretário: vir aqui para falar, em função do Art. 4º da Constituição do Estado. Tem a palavra a deputada Beth por cinco minutos?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Dez.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Dez minutos?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Dez minutos.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Você está bem por dentro, hein, Beth?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - É claro. Bem, primeiramente cumprimentá-lo, presidente, e demais deputados e deputada desta comissão, cumprimentar o secretário, agradecer a sua vinda aqui na comissão para trazer o seu ponto de vista e as ações da secretaria. Saudar também o pessoal da Associação de Pesquisadores aqui do estado de São Paulo, pesquisadores científicos, em nome da Patrícia e da Dora, que estão acompanhando, e do Fred.

Quero dividir minha fala, secretário, em dois segmentos. Primeiro, as universidades, e depois os institutos de pesquisa. Lembrando que nós também lançamos,

há cerca de 20 dias, a Frente Parlamentar em Defesa das Universidades Públicas e dos Institutos de Pesquisa, frente essa que eu coordeno.

Primeiro que a gente tem uma luta aqui que é histórica, que o senhor deve ter acompanhado ao longo dos seus anos quando esteve à frente da Universidade de São Paulo como reitor, que é o aumento da quota-parte do ICMS. Como o senhor mesmo disse, vamos esperá-lo aqui ansiosamente no período da discussão, seja da LDO seja da LOA no final do ano, para que nós possamos, quem sabe, ampliar um pouco essa quota de 9,57%, que está a mesma já há décadas.

E que a gente precisa avançar nesse sentido, na medida em que consideramos que a produção científica, mais de 60% dela, vem das universidades públicas. E certamente tanto a USP quanto a Unesp e a Unicamp têm uma parcela grande nesta produção e são responsáveis também por esta produção. Então acho que isso é muito importante.

O senhor disse que a secretaria tem 20 funcionários, e o Orçamento da secretaria, por outro lado, é de 19 bilhões e meio. Não sei como está distribuído esse Orçamento. Não sei, poderíamos fazer as questões e depois o secretário se pronuncia? O que V. Exa. acha?

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - É melhor você fazer as perguntas e o secretário responde depois.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Tá. Então desses aí têm as divisões desse Orçamento, para onde eles vão, a administração interna, as universidades. As duas que V. Exa. coloca, tanto de Marília quanto de Rio Preto... A de Rio Preto, particularmente, por ser minha região, eu tenho uma relação muito grande com eles. E já falando de Rio Preto, eu já queria deixar aqui uma demanda que é sobre o restaurante universitário daquela faculdade.

Ali tem o curso de Enfermagem, o curso de Medicina - muito tradicional, por sinal - e o curso de Psicologia. Eles têm problemas na questão do restaurante universitário, que acaba sendo em grande parte subsidiado. Às vezes o próprio hospital de base repassa recursos para poder complementar esse restaurante, que falta recursos.

E esses dias eles queriam inclusive aumentar o valor da cobrança para os alunos, mas houve uma reação, e eles acabaram recuando e subsidiando. Essa é uma demanda da direção da faculdade, dos alunos do diretório acadêmico, que me procuraram nesse sentido. Então ficaria aqui essa reivindicação.

Ao mesmo tempo, eu só gostaria, com relação à sua secretaria, saber quais os programas e projetos que vocês têm delineado para os próximos quatro anos, não só para as universidades, mas também para os institutos. E aqui eu queria aproveitar muito da sua fala. O senhor disse que precisa ampliar, que às vezes a Fapesp faz muitas parcerias. Na última vez que o presidente da Fapesp esteve aqui, faz algum tempo já, foi na legislatura passada ainda, a gente sente falta um pouco de uma transparência maior do órgão.

Não sei como a gente poderia ver isso. Por que quais são os critérios que norteiam o conselho da Fapesp para poder estabelecer as parcerias que eles fazem? E por que a Fapesp - já entrando agora nos institutos de pesquisa - não faz parcerias também com os institutos de pesquisa? Ela pode incrementar essas parcerias.

Porque os institutos hoje ficam com o pires na mão. Eles estão com enormes deficiências: o pessoal se aposenta, não tem mão de obra que o substitui, há muitos anos não têm concursos, não tem recuperação salarial e, mais do que isso, eles vivem em permanente angústia, com medo de acontecer alguma coisa, e os institutos irem para o setor privado, como aconteceu no governo passado com alguns deles e outros que foram fundidos.

Esses institutos, a meu ver e de muita gente, inclusive deles próprios - dos pesquisadores -, têm uma importância fundamental. Hoje nós temos 16 institutos. Claro que tem alguns que são vinculados a outras secretarias: tem instituto vinculado à Secretaria de Agricultura; tem instituto vinculado à Secretaria de Saúde; tem instituto vinculado à Secretaria de Ciência e Tecnologia.

Então quando o senhor diz que seria importante - eu também acho isso - fazer uma legislação que seja ampla, extensa e possa contemplar tudo isso: o que é a ciência; o que é a tecnologia; o que é a pesquisa; e o que é a produção de conhecimento no estado de São Paulo. Isso é importante. E permitir que os institutos também possam ser providos do investimento tanto do ponto de vista de recursos materiais quanto do ponto de vista de recursos humanos.

O IPT, por exemplo - e eu tenho aqui inclusive uma questão que queria fazer para o senhor -, ele está precisando também de concurso público. E o IPT, a gente sabe como é um instituto importante na parceria que faz não só com o setor privado, mas com administrações municipais. Aqui mesmo: quantas vezes acontecem coisas em São Paulo e o socorro imediato é feito pelos técnicos e pesquisadores do IPT? É um instituto que nos orgulha: enorme, com mais de 40 linhas de pesquisa, importantíssimo.

Nós sentimos a importância dos institutos também agora na pandemia, do Instituto Butantan. Aqueles pesquisadores tiveram que se desdobrar, fazer hora extra, trabalhar dobrado praticamente, para conseguir fazer com que a produção da Coronavac pudesse ser feita em tempo recorde, como de fato aconteceu, e como isso foi importante no processo para salvar vidas, e certamente salvou milhões de vidas a Coronavac. Com todas as críticas, com tudo que ela representava, mas ela foi importantíssima.

Então essa questão do IPT... E de outros institutos. Aqui nós temos o pessoal do biológico; nós temos o Instituto de Pesca; o pessoal da agricultura, enfim. E ali a gente tem pesquisadores, secretário, com alto grau de titularidade. Pessoal que já está no pós-doc. Já fez mestrado, já fez doutorado, já está no pós-doc ou já o completou. É uma mão de obra muito qualificada. No entanto, não tem a valorização que eles merecem.

Eu não estou aqui de maneira nenhuma querendo que V. Sa. faça tudo de uma única vez, mas nós temos o Concite, que é o Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia. Há muito tempo não se reúne. Então esse Concite, que é um importante conselho, que pode ter pessoas ali que o ajudem não só na sua governança, mas também nas relações com os institutos e as universidades, e ele precisa voltar a funcionar. Precisa ter regularidade no funcionamento, para poder produzir aquilo que a gente espera da secretaria.

Então acho que o senhor é uma pessoa que tem conhecimento, que tem formação, tem um currículo extenso, elogiável, mas nós precisamos agora, primeiro, estreitar essas nossas relações. Às vezes os secretários sempre foram muito distantes da gente.

Foram muitas poucas oportunidades que nós tivemos - eu estou aqui nesta Casa já há muitos anos - de estar com a presença de secretários, de poder fazer agendas na secretaria, de ter agendas na secretaria, de ter o secretário aqui não só nas obrigações constitucionais, que é o que a nossa Constituição estabelece, mas também no decorrer do ano.

Eu sei que o senhor tem outras obrigações, mas aqui esta Casa e nós aqui estamos dispostos a contribuir, seja através de ajudar nessa formulação de uma legislação específica, seja naquilo que angustia os pesquisadores, porque é duro. Imagina você trabalhar em um lugar e estar o tempo inteiro correndo risco de não saber o que vai acontecer com seu futuro próximo.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Deputada, o tempo esgotou.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Só para concluir, não se faz produção de ciência, de conhecimento, se a gente não tiver investimentos. Então a gente precisa encontrar alternativas para destinar recursos, para melhorar as condições de trabalho desses institutos de pesquisas, sobretudo, que são importantes centros de produção de tecnologia. As universidades são, mas os institutos também são igualmente e precisam ser valorizados. Muito obrigada, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Com a palavra, deputada Bebel.

A SRA. PROFESSORA BEBEL - PT - Bom dia, Dr. Vahan Agopyan, é uma satisfação tê-lo aqui. Cumprimento nosso presidente. Cumprimento os nobres deputados, a nobre deputada. Cumprimento o público presente, todos que nos assistem também através da Rede Alesp.

E dizer da importância desse debate da ciência e tecnologia, sobretudo nesta conjuntura, neste contexto pós-pandemia. Não é um pós-pandemia, mas que o vírus está, digamos, controlado. E quem controlou exatamente foi a ciência e a tecnologia.

Nós vivemos um período muito difícil, secretário, que foi o período da negação. Mas a negação - pelo menos eu tenho isso muito claro comigo - possibilitou também que até os mais simples entendessem a importância da ciência nas suas vidas. Entenderam isso.

Quando você fala da vacina, você não está traduzindo, não está dizendo: “É isso o que contém naquela vacina”, mas ele entende a importância da vacina, portanto, isso está popularizado. Acho que a ciência está no seu melhor momento em termos de buscar uma valorização ainda maior.

E aí eu pergunto para o senhor o seguinte: a secretaria de que o senhor está à frente tem quatro universidades. E tem uma dotação orçamentária de 19,5 bilhões. Só que as três universidades e o Instituto Paula Souza representam 18 bilhões. Como ficam os investimentos para pesquisa e expansão de “campis” universitários? Essa é uma questão.

A segunda questão é que eu estou sentindo uma faca apontada na nossa cabeça, que é a possibilidade de redução das verbas, constitucionalmente previstas na Constituição Estadual, e que poderá vir para cá. Uma proposta de alteração constitucional, uma PEC, para alterar esse artigo, diminuindo em 5%. As universidades vão pagar o preço por isso.

Eu pergunto: como nós vamos ter todo esse compromisso, esse projeto e toda essa construção científica se faltarem recursos? Essa é uma questão que é estruturante até, pela qual passam todos os nossos desafios.

E eu tenho uma coisa que aparentemente está descolada, mas ela está colada com a ciência e a tecnologia, que é esse modelo de ensino médio através de uma medida provisória que veio e que está aí e que não está formando jovens para nada.

Desculpe, a gente sempre aprende alguma coisa, mas tendo uma educação intencionalizada. A gente sempre trabalha o educar com intenção: eu tenho uma intencionalidade, eu quero ensinar. Como é que esses meninos, que terão só um primeiro ano de formação geral, depois vão oxalá escolher um itinerário formativo, e aí não faz nenhum link com aquilo que eles poderão escolher no futuro?

Eu acho que é para ontem. E essa demanda coloco não só para o Governo do Estado de São Paulo; eu coloco para o governo federal. Eu estive lá, inclusive. Foi a partir da nossa visita que o ministro Camilo retirou e pediu para dois meses. São insuficientes, mas é necessário, no estado de São Paulo, abrir um debate sobre qual é o ensino médio - porque não basta também tirar, tem que dizer o que vai pôr - que vá na perspectiva de a gente de fato dar conhecimento, dar sentido para a juventude.

Essa discussão do ensino médio é importante, deputado Sebastião, tanto para nós, que somos da educação básica, quanto para a educação superior, porque esses meninos vão para lá futuramente. E aí? Como é que nós vamos tratar? Então eu acho que tem que ter uma mobilização estadual, nacional, para que a gente de fato consiga colocar no lugar alguma coisa que vá ao encontro daquilo que a gente sempre defendeu historicamente.

Está aqui o deputado Mauro Bragato, que sempre foi uma referência. Quando a gente não tinha professor da educação básica, a gente vinha até ele, porque era ele que abraçava nossa causa. Mas a gente sempre defendeu uma sólida formação básica, que, a partir dessa formação básica, você alça voos aí para ser um futuro cientista ou optar por alguma profissão que queira ser.

O que mais me incomoda, secretário, nessas andanças que eu tenho, é que as pessoas às vezes dizem para a gente: “Ah, eu não consegui ser médica”. Isso tem uma conotação. “Eu não pude ser médica por questões econômicas” é outra conotação. E isso é necessário, para que a nossa juventude de fato venha a ser um grupo de cientistas - por que não um governante? Mas também, se ele quiser ser o melhor dos lixeiros, será, mas pela escolha dele, e não porque o poder econômico assim não permitiu.

O senhor se lembra, nós tivemos um triste momento, que foi o PL 2529. Ele era um ataque frontal à ciência, à tecnologia, às universidades. A privatização do Instituto Butantan estava toda naquele pacote. E nós fizemos um grande movimento, e houve sensibilidade, e acabou que retirou. Mas a gente não quer mais esse susto.

O senhor disse que o governador tem sensibilidade porque ele tem pós-graduação e ele tem um olhar também para a ciência e tecnologia. Esperamos, mas ele também vai ter que demonstrar que ele tem uma preocupação com não reduzir as verbas para a Educação. Porque mexer em verbas para a Educação é mexer nas três universidades mais a Paula Souza.

Então nós vamos ter problemas de dinheiro novamente. Novamente, não: nós sempre temos, porém mais um problema de dinheiro. Não se trata de fazer um discurso de que estamos tirando daqui e estamos pondo na saúde, porque é isso que está sendo dito. Mas não tem dicotomia entre Saúde e Educação. Ambas são importantes para a sociedade.

Então, Sr. Secretário, eu fico com essas duas questões que eu coloquei, acho que elas são estruturantes, fundamentais, para que a gente possa de fato fazer um debate. Bom, aí tem a Fapesp, como disse a Beth. Você pode pensar até o administrativo interno, os conselhos trabalharemos brilhantemente. Mas se não tiver estrutura, como faz? A estrutura que eu falo é financeira. Muito obrigada.

O SR. LEONARDO SIQUEIRA - NOVO - Pela ordem, Presidente.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Tem V. Exa. a palavra.

O SR. LEONARDO SIQUEIRA - NOVO - Vou ser muito breve aqui, até porque infelizmente tenho um outro compromisso que eu não consegui cancelar. Mas primeiro agradecer a presença do Prof. Vahan aqui. Acho que tem diversos assuntos a serem tratados de maneira bem interessante. Estive ontem na Fapesp, conversei com o Prof. Zago e, de fato, a Fapesp é um modelo de administração de recursos etc.

E acho que tem diversos assuntos a serem tratados por três grandes motivos. Primeiro, na condição de vice-presidente desta Comissão de Ciência e Tecnologia. O segundo, porque a minha vida foi transformada pela ciência: fiz graduação em Economia, fiz mestrado em Economia, estou terminando o PhD em Economia. Então sei da importância e também como ela transformou.

E o terceiro motivo por eu estar no Conselho Consultivo da USP. Então de fato, a deputada Beth Sahão falou sobre a questão da quota-parte da USP e de fato a gente tem um debate bastante interesse, que eu acho que o mais importante é a gente levar as universidades aqui de São Paulo para quais são as melhores práticas ao redor do mundo. Então diversos exemplos. Um deles é aproveitar melhor os alunos que vêm às vezes das Fatecs, que alguns alunos possam ir para universidade e aproveitar os créditos, alguma coisa assim, muito inspirado no modelo da Califórnia.

E talvez não sei se a melhor estratégia seja sempre pedir mais dinheiro, porque é sempre mais fácil para a gente aqui na condição de pedir mais dinheiro. Mas a gente tem que pensar que economia é você alocar os recursos escassos da maneira mais eficiente possível. E os recursos são escassos, isso é um fato, não está em discussão.

Então a partir do momento que a gente pede recurso a mais para uma área, está tirando de outra. Então a gente tem que pensar não só em pedir mais recurso, mas como que a gente vai utilizá-lo da maneira mais eficiente possível? Então com a iniciativa privada, com parcerias que as pessoas consigam aportar recursos.

Então só dizer muito brevemente isso: que eu fico bastante feliz que essa secretaria tenha uma condição técnica e me colocar à disposição também, para que a gente possa ajudar. E sempre pensar que a gente tem que trabalhar pelo produto final, vamos dizer assim, que é o aluno, e não pelo sindicato A, B ou C, mas que a gente tem que trabalhar pelo aluno e, no final do dia, para o paulista e para o brasileiro. São eles que vão sair ganhando no final do dia. Obrigado, presidente.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Ok. Deputado Sebastião com a palavra.

O SR. SEBASTIÃO SANTOS - REPUBLICANOS - Bom dia a todos. Agradecer aqui a presença do nosso secretário. Secretário, eu trabalho com tecnologia há mais de 30 anos, e hoje nós vemos o estado de São Paulo perdendo boas mãos de obra para o Canadá, para a Espanha, para Israel, até a Coreia do Sul também está levando a nossa mão de obra.

Nós temos mais de 15 mil vagas de TI hoje no estado de São Paulo. Nós não temos apoio do governo realmente nesse ponto, para trazermos os jovens para dentro das universidades, até mesmo em EAD, para fazer com que esse mercado seja absorvido. Nós temos empresas paradas, projetos importantíssimos no nosso estado que poderiam repercutir no Brasil e no mundo inteiro, justamente por falta de apoio.

Eu queria deixar aí a pergunta ao senhor: qual que é o projeto para esses três anos e meio que o senhor fala aí do mandato do governo Tarcísio de Freitas de ter uma visão macro para que a gente possa absorver essa mão de obra desses jovens? Porque o Estado hoje, nós sabemos que tem espaços em comissão sendo usados por pessoas que já eram para estar aposentadas há muito tempo e que dobram o cargo em comissão justamente para que ele possa ficar ali tendo um salário melhor, mas a produção infelizmente desses entes já não é uma produção que está adequada ao momento em que estamos vivendo.

Nós estamos deixando praticamente todos os jovens irem embora do nosso estado. Minha filha mesmo, hoje tem uma formação. Ela tem dois países que, se der uma ligada, uma mensagem enviada para esses dois países, eles vêm buscá-la aqui, como já vieram tentar convencer ela a ir embora com os dois filhos e ficar nesse país.

A gente vê que, por mais que nós, como pais, queremos o melhor para os nossos filhos, nós não estamos conseguindo encontrar caminhos para os nossos filhos ficarem dentro do estado de São Paulo ou no Brasil. Então qual política pública que vai ser criada pela pasta, principalmente de inovação e tecnologia, aqui para o nosso estado? Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Deputado Rogério com a palavra.

O SR. ROGÉRIO SANTOS - MDB - Boa tarde a todos, nobres deputados, deputadas, presidente Mauro Bragato. Secretário, é uma alegria poder conhecê-lo e participar deste momento. Acho que é importante nesse início, sobretudo, da comissão, ter essa explanação que o senhor trouxe aqui.

Eu sou da cidade de Osasco, onde tem também o deputado Gerson Pessoa, que foi secretário de Tecnologia e Inovação lá e agora está aqui como deputado também. Está na comissão, mas por algum motivo, não pôde estar aqui hoje.

Primeiro, fiquei muito feliz de ouvir o senhor dizendo sobre esse problema da desconexão que existe entre a pesquisa e o resultado prático disso, porque a gente está vivendo em uma sociedade em que infelizmente as coisas ficaram desconectadas. O conhecimento teórico avança, só que o conhecimento teórico não aplicado à prática não dá resultado na sociedade.

Infelizmente, a gente está colhendo nos últimos anos o resultado dessa desconexão. E me alegra muito em vê-lo preocupado com isso naquilo que diz respeito à pesquisa e à

implantação dela. Gostei da frase que o senhor disse: “Não estamos conseguindo aplicar o conhecimento desenvolvido nas universidades estaduais em benefício da população”. Só esse comentário inicialmente.

Depois, a cidade de Osasco, de onde eu venho, tem também a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. E eu vi o benefício que essa secretaria trouxe para o município, quando, ainda vereador lá em 2017, o prefeito iniciou a secretaria, nosso Orçamento era de 1,9 bilhão ao ano.

Por causa do investimento na tecnologia, por causa da ampliação desta Secretaria dentro do município, cinco anos depois o Orçamento está em 5,4 bilhões de reais, porque o município investiu na tecnologia, em redes melhores de comunicação. Claro, tem outros fatores também, como a redução do ISS, que favoreceu a vinda de empresas de tecnologia, mas eu vi, e o nosso município viu, a importância que teve o investimento na área de Tecnologia e Inovação.

A minha pergunta é muito simples: como que, não somente em relação a esses institutos e universidades, mas como que o Estado pensa fazer para que os municípios - não só o nosso lá - possam também ter incentivos, ter apoio para o desenvolvimento interno?

Quando o senhor diz ali do incentivo aos municípios com ambientes de inovação - foi o quarto ponto que o senhor falou -, incubadoras, parques tecnológicos e tal, como que isso pode ser feito para os municípios do nosso estado de São Paulo? De que maneira que está se pensando isso?

Porque objetivamente eu vi o resultado que deu dentro do município quando isso aconteceu. E eu penso que, se o estado tiver condições de incentivar, de dar o apoio com políticas próprias direcionadas também aos municípios, isso pode favorecer muito o desenvolvimento dos municípios do nosso estado de São Paulo. Então eu gostaria de entender um pouco sobre isso, como o governo estadual está pensando sobre isso. Era isso, obrigado.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Obrigado. Deputado Milton com a palavra.

O SR. MILTON LEITE FILHO - UNIÃO - Secretário, boa tarde. Obrigado pela visita sua aqui à Assembleia. Seja muito bem-vindo. Prazer conhecê-lo. Parabéns pela

explicação feita agora há pouco. Vou ser bem breve, secretário, até porque eu tenho que dar quórum aqui na próxima comissão também.

Secretário, acho que o termo que o senhor estava tentando utilizar seria “a materialização dos estudos”. Todo conhecimento que a gente produziu, a grande dificuldade seria a materialização. Um dos exemplos disso são as vacinas, isso no campo da saúde. Existem outros campos também que são muito promissores.

O estado de São Paulo produziu o desenvolvimento do biodiesel, entre tantos outros, tudo na área da pesca, o Sebastião Santos sabe disso. Na área de energia, a região do deputado Bragato é um grande potencial para a célula fotovoltaica. Hoje o empecilho dela seria o custo. Se você adaptar ela à eletrificação automotiva, é um passo fenomenal. Ou seja, a grande barreira que nós temos hoje para o estado seria isso aí.

Eu queria entender a intenção do Estado na parte... Até porque, na produção de energia, recuperação do lixo, transformação em plasma, o elo é muito grande para o Estado poder absorver, reduzir custo e melhorar a eficiência energética do estado de São Paulo. Queria entender isso. Desde já agradeço a presença de Vossa Excelência. Obrigada, secretário.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Com a palavra, o secretário Vahan.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Posso complementar uma perguntinha só, secretário? Por conta até dos estudantes. Acho que a gente falou muito das universidades, mas também tem que pensar nos estudantes.

E tem a questão do Bolsa Estudante, que tem aí na sua secretaria 840 milhões, aproximadamente, para essa finalidade. Bolsa do Povo Estudante, 843 mil disponíveis. Até agora parece que não foi colocada em prática. Queria também só acrescentar isso. Obrigada, presidente.

O SR. VAHAN AGOPYAN - Vou tentar responder, não telegraficamente, mas rapidamente. Não quero atrapalhar o almoço das pessoas. Acho que as perguntas foram muito boas e eu agradeço. Isso vai me dar inclusive uma melhor visão do que as senhoras e os senhores estão achando sobre essas coisas.

O que eu quero dizer, deputada Beth, é o grupo orçamentário, são 20 bilhões e, para a secretaria, ficam 20 milhões. Eu falei um milésimo, é um milésimo mesmo, não é força de expressão, porque as instituições têm que ter essas atividades.

Os recursos que estão dentro da secretaria, respondendo à sua pergunta atual, são recursos complementares. Quando eu falo que o Estado tem que ser também um elo de conseguir motivar o conhecimento para o seu próprio benefício, o que eu estou propondo é justamente os recursos Fapesp junto com os recursos das respectivas secretarias.

Então é isso que nós estamos fazendo, e é isso que tem que ser. Não posso chegar no secretário da Educação e falar: “O senhor tem que fazer isso, isso, isso, vou patrocinar”. Não: “O senhor precisa de que? Disso, disso e disso? Ótimo, vamos fazer um acordo. A Secretaria entra com o recurso; a Fapesp complementa para poder facilitar”.

Na verdade, o que aconteceu foi que a Fapesp entrou com três e a Secretaria de Educação entrou com uma, tudo bem. Mas isso que eu estou tentando falar. Os recursos que nós temos na secretaria são justamente para fazer essas coisas rotineiras. Essa bolsa é uma bolsa emergencial a que a senhora citou, isso não vai ajudar em nada. Comparado com as bolsas que cada universidade dá, é uma fraçãozinha desprezível. Essa é a ideia.

A questão das parcerias da Fapesp, realmente quem discute é o Conselho Superior e normalmente é quando o parceiro entra com recursos consideráveis. Então é isso daí. Minha primeira reunião com a Fapesp vai ser quarta-feira que vem. Então quarta-feira que vem eu estarei com o conselho da Fapesp discutindo e começando a discutir com o conselho como podemos agilizar isso. Chamo a atenção que o governo respeitou o conselho da Fapesp e os dois diretores - um foi reconduzido e o outro é novo - foram os primeiros da lista tríplice. Isso foi feito.

A questão dos institutos que a senhora levantou, eu acho o instituto de pesquisa essencial para a inovação. A universidade no mundo todo tem uma velocidade, que é a velocidade do período do mestrado e doutorado dos alunos. É essa a regra da universidade.

Se a empresa tem uma coisa mais emergencial, ela tem seu próprio instituto. Eu defendo que as empresas têm que ter seu próprio instituto, que isso facilita o diálogo: diálogo com os institutos de pesquisa, diálogos com as universidades. Uma empresa moderna tem que ter uma pequena equipe própria de desenvolvimento e os institutos fazem esse link. Então os institutos têm que existir.

O que acontece aqui no estado de São Paulo - um diagnóstico rápido que eu fiz - é que os institutos, alguns têm uma função bem definida e conseguiram centrar as ações

nas suas atividades; os outros, ainda não. Na verdade, nenhum instituto autárquico está com a secretaria. O IPT é uma empresa, é uma SA em que o governo é o acionista supermajoritário. Deixaram algumas outras secretarias, algumas foram privatizadas: a Vasp foi privatizada, a Fepasa foi privatizada. Então ficaram algumas coisas meio esquisitas, mas a questão (Inaudível.).

Eu estou querendo discutir com meus colegas secretários como a gente pode, com a experiência da Secretaria de Ciência e Inovação, colaborar para essa definição das funções dos estudos. A senhora citou Butantan. Butantan definiu, há uns 10 anos, vacinas. Eles fazem pesquisas de ponta. Quer dizer, pode não resultar em uma vacina hoje, mas o conhecimento de como desenvolver vacina é fantástico. Eles têm pós-graduação “top”. Eles têm pós-graduação, tanto com a USP quanto com a Unicamp, de nível padrão internacional. Então eles criaram uma visão clara do que é.

O IPT é uma empresa, tudo bem. Eu fui o primeiro presidente na mudança. É empresa desde a década de 1970, mas era uma empresa com estrutura de autarquia. Aí o secretário que era na época era o Meirelles. O Meirelles transformou o IPT de fato em uma empresa tendo um superintendente, um conselho a responder. Então o IPT também tem uma visão justamente da parte industrial, que é onde ela atua. Então ela também fisicamente, estruturalmente, está bem, está produzindo. Isso é importante.

Nós temos aluno aqui de Campinas, nós temos vários institutos, todos de ponta. Mas a secretaria está se dispondo a ajudar, porque os institutos não pertencem à secretaria. Então tem a Agricultura, a Saúde, o Meio Ambiente tem um instituto e Planejamento é outro instituto - aliás, grande.

A SRA. - (Inaudível.)

O SR. VAHAN AGOPYAN - Obrigado. Então o que a secretaria vai fazer é ajudar, colaborar. Agora, eu não estou criticando secretários anteriores. A senhora citou que não vinham para cá, porque quando você tem Desenvolvimento Econômico, chegou a ter época em que teve Turismo junto com Ciência e Tecnologia, não dá tempo.

Desenvolvimento Econômico sozinho é uma secretaria enorme. Tem um banco, Desenvolve São Paulo, tem uma agência de investimentos que investe em São Paulo. Então é humanamente impossível o secretário conseguir ter condições físicas de atender.

A Professora Bebel levantou um aspecto também muito importante. De fato, Professora Bebel, o momento oportuno é esse. Internacionalmente, os ICTs estão sendo

reconhecidos pela sociedade como agentes para resolver os problemas. Isso é uma coisa muito importante.

E a senhora citou a questão de Orçamento. Nós estamos vivendo um momento muito mais complexo. A Fapesp está bem protegida, porque ela é constitucional e é 1% da arrecadação do Estado. Agora as universidades estão penduradas em um decreto sobre uma porcentagem do ICMS.

Esse é um ponto que tem que ser discutido, e o governador teve uma reunião com os três reitores. Eu não estava presente - também é bom lembrar que eu fui convidado a ser secretário no dia 22 de dezembro. Então o governador teve uma reunião com os três reitores, e esse tema foi discutido. E ele está respeitando o decreto como ainda está.

Agora, com a mudança do ICMS, nós vamos ter que rediscutir esse decreto. Porque acabando o ICMS, que tributo nós vamos utilizar? O que eu digo a essa autonomia financeira e administrativa das três universidades estaduais paulistas se mostrou um modelo vitorioso. Isso é um ponto importante.

Quanto ao ensino médio, Professora, a senhora tem toda a razão. Pela primeira vez, o Plano Nacional de Pós-Graduação, que acabou de vencer, tinha um capítulo exclusivo sobre o ensino básico, incluindo o médio. Porque é impossível imaginar uma pós-graduação se os alunos não conseguem nem concluir a graduação. Então essa preocupação é muito grande. E eu diria, Professora, que de novo essa nossa mania de achar que uma coisa que deu certo em um certo lugar vai dar certo aqui no Brasil.

A senhora sabe que, na Inglaterra, no Reino Unido, os “A-levels” são mais ou menos isso. O aluno, depois que acabou o ensino básico, faz três ou quatro disciplinas só voltadas para a área em que ele quer fazer curso superior. Se ele não for fazer curso superior, ele sai do ensino médio para fazer um ensino profissional qualquer. Na Alemanha também: o jovem que acaba o ensino médio segue o itinerário que ele quer.

Mas são culturas diferentes. Uma criança alemã tem uma formação muito rigorosa, muito robusta no ensino básico. Uma jovem ou um jovem britânico tem uma formação muito robusta. Os “O-levels”, que eles dizem, que os jovens com 15 ou 16 anos obtêm, são diferentes. A cultura é diferente.

Então, nós temos que estudar bem essa questão dos itinerários. Eu chamo atenção que estava errado ter 15 disciplinas em um ano letivo. É uma coisa errada. Mas também temos que tomar muito cuidado e respeitar a cultura. Quando eu digo desenvolvimento, eu sempre falo desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e desenvolvimento

cultural, porque a cultura acaba nos conduzindo e nos orientando. Então eu acho que isso é muito importante.

Agora, a senhora pegou um ponto fundamental: é uma preocupação da secretaria, eu tenho certeza de que é uma preocupação dos reitores - dos três reitores e do presidente da Univesp. E já estamos fazendo algumas coisas, já deu para começar a fazer um pouquinho de sinergia. Então essa ideia de fazer o vestibular das escolas estaduais, incluindo os da Paula Souza, no fim de cada ano. A jovem ou o jovem faz três provas, e o resultado das três provas já o coloca dentro da universidade.

Esse primeiro ano agora vai ser experimental. O Paula Souza deu 2.600 vagas, a USP deu 1.500 e a Unesp e Unicamp estão dando 500, 600 cada uma. Então vai ter um número de vagas para esses jovens vindos de escolas públicas fazendo esses vestibulares.

E outra coisa é tentar começar a atuar apoiando o ensino médio, o que as universidades já estão fazendo. A Unicamp foi a pioneira. A USP já oferece disciplinas optativas; não é nenhuma competição, mas disciplinas de assuntos que a garotada gosta. E vamos tentar ver. Agora, a senhora tem toda a razão. Eu fiquei surpreso que, no Plano Nacional de Pós-Graduação, foi necessário colocar um capítulo sobre isso.

O comentário do Leonardo. Certo, nós temos que tomar sempre o cuidado de fazer as melhores práticas, e essas melhores práticas têm que ser absorvidas. Mas sempre eu insisto que nós temos que respeitar a nossa cultura, a nossa tradição, que é diferente das outras, mas não quer dizer que seja ruim, pior ou melhor.

O deputado Sebastião levantou um aspecto realmente muito preocupante. Mas aí é o problema do desenvolvimento do País. Quando os jovens não encontram oportunidades, eles não têm alternativa senão migrar. Eu, como pai, me sinto muito feliz. Eu consegui convencer minhas duas filhas e meus dois genros a ficarem no Brasil. Mas eu sei como isso é difícil. Eu tenho uma filha que é doutora. O salário dela é um valor abaixo do início do salário de pesquisador do estado de São Paulo. Então é uma coisa muito grande.

Acho que foi o deputado Rogério que levantou, por isso que, com ciência, tecnologia e inovação, nós podemos conseguir o desenvolvimento e, com o desenvolvimento, conseguir garantir colocações para esses jovens brilhantes que nós estamos exportando. Eu concordo com o senhor.

A questão do TI, nós vamos oferecer 5.000 vagas através da Univesp. Só que nós estamos com uma má intenção, eu não posso divulgar ainda - falando do que o deputado Leonardo levantou, de melhores práticas -, de aí utilizar as empresas que precisam de

muito TI e de apoiar a Univesp, porque os cursos estão aí prontos. Apoiar a Univesp e eventualmente conseguirmos aumentar.

Isso não vai ser possível este ano. Os senhores são legisladores, a legislação brasileira na área da Educação é bastante complexa, então o que nós estávamos tentando fazer - semana passada eu me reuni com o presidente da Univesp -, não vai dar para fazer este ano. Mas este ano nós vamos começar fazendo algumas coisas para que, no ano que vem ou no outro ano, além das vagas da Univesp, nós possamos oferecer algo a mais para esses jovens que se inscreveram para fazer ensino superior.

E, no fim, o deputado Rogério levantou a questão dessas coisas de ciência e tecnologia. Para cada real investido em algumas áreas, você consegue 15 vezes o retorno. Na área de TI é isso. Cada real que você investe, você consegue 15 vezes de retorno. Então a visão do nosso governador de que realmente, com ciência, tecnologia e inovação, nós vamos conseguir desenvolver o nosso estado, é uma visão comprovada inclusive do ponto de vista experimental. Então é necessário de fato investir. É investimento.

Acho que a Professora Bebel é uma batalhadora desse tema. É um investimento, é um investimento fundamental, inclusive a educação básica é fundamental. E com isso, logicamente, cada parque tecnológico, incubadora, normalmente tem uma parceria da prefeitura local. Os parques tecnológicos certamente, e incubadoras, a maioria delas. Desculpe, nós temos um parque tecnológico privado. É um empreendimento privado. Os outros todos têm a prefeitura como parceira.

E os recursos vão para essa instituição de inovação que existe, que é uma personalidade jurídica, mas normalmente tendo a prefeitura como parceira; as instituições locais como parceiras. Isso é fundamental. Aquilo que eu falei de uma das nossas quatro metas, uma das metas é conseguir investir mais ainda nessa visão.

Desculpe, eu só não tinha falado, presidente, que as atividades normais nós mantemos. Eu trouxe inclusive uma publicação que foi distribuída semana passada no congresso dos prefeitos, o Patem, junto com o IPT, com recursos estaduais, nós continuamos apoiando, e o relato é muito atual, é da semana passada.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Só mais uma questão, Sr. Presidente, por gentileza? Tem a questão do Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação. O senhor saberia dizer em que estágio que ele se encontra? Como que está isso? Está tudo regulamentado?

O SR. ROGÉRIO SANTOS - MDB - Sr. Presidente, só para justificar. Eu preciso sair para dar quórum em uma outra comissão. Secretário, obrigado.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - O deputado Gerson Pessoa também está aqui.

O SR. VAHAN AGOPYAN – Perfeito. Se ele quiser também usar a palavra.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Deputado, depois você usa a palavra.

O SR. VAHAN AGOPYAN - Deputada, a questão do Marco Legal melhorou a insegurança jurídica. E o grande problema nosso não é a legislação, é a interpretação da legislação. Então a nossa legislação para inovação é muito boa. A nossa Lei do Bem é excelente. A Lei do Bem, se utilizarmos na sua plenitude para cada real investido, poderemos abater 1,2, 1,3 de impostos. Mas logicamente ninguém consegue usar integral.

Mas a insegurança jurídica faz com que os empresários, os empreendedores e as startups fiquem com medo de usar a lei. Agora, com o Marco Legal, melhorou. Eu espero que nós consigamos aumentar mais esse apoio aos novos empreendimentos, às novas iniciativas. Mas ainda eu não consegui sentir uma mudança substancial. Foi o ano passado ainda. Tem um ano só. Melhorou muito.

A primeira Lei da Inovação, já faz acho que uns 15 anos - foi na década de 2007, 2008 -, os secretários de Estado que utilizavam essa lei, o primeiro secretário foi preso, porque o Judiciário dá uma interpretação que - as senhoras e os senhores como legisladores - quer fazer diferente do que os senhores desejam.

Então nós temos que ter essa segurança jurídica, mas melhorou muito. Nós avançamos muito nessas últimas alterações. Eu espero que o Marco Legal funcione. Se não funcionar, é mais uma coisa que a gente vai ter que pedir o apoio das senhoras e dos senhores para podermos aperfeiçoar.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Ok, secretário. Deputado, o senhor quer usar a palavra?

O SR. GERSON PESSOA - PODE - Quero. Boa tarde, presidente. Boa tarde, amigos. Boa tarde, secretário. Apenas justificando meu atraso, eu estava com o secretário de Estado de Educação, o Feder. A mobilidade ainda não está da maneira que a gente gostaria, esse foi o motivo pelo meu atraso.

Então obrigado pela oportunidade de, no finalzinho aqui, fazer uma fala. Eu fui secretário de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Econômico na cidade de Osasco nos últimos seis anos, então sei muito bem na prática o desafio de a gente conseguir transformar um pouco a questão cultural, o desafio na questão da inclusão digital que o Estado, o País, passa pela frente.

Aproveitando um pouco do gancho da fala que eu estive agora com o secretário de Educação, um dos desafios dele é tentar usar como porta de entrada na educação a inclusão digital. A gente sabe muitos desafios da nossa sociedade de não ter a condição de ter um mínimo de ferramenta para poder utilizar o que o mundo da internet oferece. E eu sei que isso também deve ser um desafio dentro da secretaria.

Eu infelizmente não peguei toda a fala do senhor respondendo às perguntas dos meus amigos aqui, mas nesse gancho, foi um desafio muito grande na cidade de Osasco a gente implantar lá o polo tecnológico, buscando diretamente oferecer a mão de obra qualificada que hoje falta no mercado.

Hoje, todos os estudos mostram que a gente vai ter um buraco nos próximos anos dessa mão de obra. Na cidade de Osasco, nós conseguimos concentrar hoje as principais empresas de tecnologia na cidade. E um dos objetivos nossos, enquanto a gente buscou trazer essas empresas para a cidade, foi oferecer a elas uma mão de obra qualificada. E foi através desse polo, que hoje está em funcionamento lá, que a gente está trabalhando em parceria com fabricantes, com entidades, com academias, para oferecer essa mão de obra qualificada.

A minha pergunta para o senhor hoje é: o Estado está trabalhando algo para fortalecer essas estruturas que as prefeituras estão procurando fazer para ser o diferencial nas cidades?

A gente sabe que fica muito naquela briga do tributário, oferecendo condições de menos imposto aqui, menos imposto, só para ser um atrativo. Mas para essas empresas de tecnologia, sabemos que não é só isso hoje o viés que vai ser o diferencial, e sim oferecer essa condição de ser parceiro na questão da qualificação, na questão de fomentar os pequenos negócios, as startups, as incubadoras. Quero saber se o estado tem algo planejado para fortalecer essas prefeituras? E obrigado pela oportunidade, presidente.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Secretário, o senhor está com a palavra.

O SR. VAHAN AGOPYAN - Bem, realmente o deputado fez exatamente o que o deputado Rogério tinha levantado também. Sim, os centros de inovação do Estado são sempre feitos em parceria com a Prefeitura. Aliás, a entidade que se cria não tem a participação do Estado, mas tem a participação da Prefeitura. E nós apoiamos.

Agora o que eu estava falando é como falta esse “gap”. Esse “gap” é muito grande. Nós estamos pensando em já criar um programa, a partir do ano que vem, e reforçar mais esse apoio. Não ficar um apoio dentro do Orçamento da secretaria - o senhor não estava aqui -, que é um milésimo do que as entidades têm.

O SR. GERSON PESSOA - PODE - O modelo que a gente adotou lá, a gente sabe que é impossível transferir essa responsabilidade para o Município. Então é um modelo que é criado em todos os polos. Cria-se uma agência, para que essa agência possa fomentar negócios e ela tenha vida própria, que ela possa sustentar todos os programas que hoje se encontram nela.

O SR. VAHAN AGOPYAN - Qual o termo que o pessoal usa lá no ensino médio? Está na trilha certa. Mas mais do que isso, acho que a ideia é nós apoiarmos a criação de facilidades dentro desse ambiente que vocês têm.

E a questão de formação, eu já tinha falado isso antes, o deputado Sebastião tinha levantado. A questão de TI, por exemplo, que é uma coisa que está um gargalo, a Univesp está oferecendo agora esse ano 5.000 vagas, mas nós estamos tentando, dentro da legislação, respeitando a legislação, tentar aproveitar os jovens que se inscreveram para conseguirmos, com apoio das empresas interessadas, fazer um treinamento mais acelerado.

E se pudermos, respeitando a legislação, talvez daqui a um ou dois anos possamos fazer alguma coisa mais consolidada, para aumentar o número de jovens preparados nesse gargalo, que é um gargalo que todo mundo sente. Nós, como Estado, e acho que a Assembleia também sente a falta de pessoal de TI e a falta de conseguir reter o pessoal de TI.

Obrigado, presidente. Quero agradecer essa oportunidade e sempre será um prazer ser convidado para as reuniões. Talvez, elas tendo alguma pauta específica, podemos discutir essa pauta específica.

Reparem que eu vim sozinho, porque é uma secretaria enxuta, então o Executivo está justamente no exterior, em uma representação do Brasil, o chefe de gabinete está em uma outra reunião técnica e o coordenador de ensino superior está em uma outra reunião no Palácio. Então, nós somos uma equipe enxuta. A gente não vem com grupo.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Melhor assim.

O SR. PRESIDENTE - MAURO BRAGATO - PSDB - Então quero agradecer a presença do secretário e lhe dizer que o senhor foi muito bom aqui. Em pouco tempo, expôs o que nós queríamos. E pedir uma foto contigo aqui na frente. Uma boa tarde a todos e muito obrigado.

* * *

- Encerra-se a reunião.

* * *